



# **PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE GUARUJÁ: PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA**

**LUIZ ANTONIO APARECIDO CARVALHO**

**Resumo:** Este artigo analisa os pontos turísticos e históricos em Guarujá e a deterioração causada pelo tempo, bem como o descaso das autoridades com monumentos que foram tombados pelo patrimônio público que atualmente encontram-se abandonados sofrendo atos de vandalismo e deterioração pelo tempo.

**Palavras Chave:** Patrimônio, Preservação da Memória, Pontos Históricos de Guarujá

*Abstract/:* This article aims to promote tourist and historical spots in Guarujá that are deteriorating with time. As well as the neglect of the authorities monuments that were listed by public assets that are currently abandoned suffering acts of vandalism and deterioration with age.

**Key words:** Heritage, Memory Preservation, Historical Points of Guarujá

## **Introdução**

Atualmente os municípios não têm conhecimento sobre a história ou a importância de Guarujá, tanto no início do Brasil colônia. Figuras históricas que por aqui passaram como Hans Standen, o escritor Euclides da Cunha em 1904 para verificar o estado de conservação do Forte São Felipe, o escritor Mário de Andrade a mando do Patrimônio Histórico Nacional, fatos trágicos como a morte de Santos Dumont. A cidade conta com monumentos históricos como a armação das baleias, a ermida de Santo Amaro do Guaibê e outras importantes arquiteturas históricas esquecidas que estão sendo deteriorados com o tempo.

Guarujá já teve sua época de glória com seus cassinos, que era um modo de entretenimento da elite à época, salas de bailes e restaurantes luxuosos dividiam o espaço com vários tipos de jogos de azar, grandes shows no Grande Hotel La Plage, faziam parte das noites da burguesia na época.

## **1 Patrimônio – definição**

A palavra patrimônio vem do termo grego pater que significa “pai” ou paterno. O conceito de entrosamento entre a figura do pai deixando o conhecimento para seus filhos:



Em seu significado mais primitivo, a palavra patrimônio tem origem atrelada do termo grego pater, que significa “pai” ou “paterno”. De tal forma, patrimônio veio a se relacionar com tudo aquilo que é deixado pela figura do pai e transmitido para seus filhos. Com o passar do tempo, essa noção de repasse acabou sendo estendida a um conjunto de bens materiais que estão intimamente relacionados com a identidade, a cultura ou o passado de uma coletividade. (SOUSA, Rainer; s/d; revista eletrônica Brasil escola).

Com o tempo, a palavra patrimônio ganhou vários conceitos, os monumentos que lembravam os fatos grandiosos de sua história e ficou agregado com outras palavras:

Essa última noção de patrimônio passou a ganhar força no século XIX, logo que a Revolução Francesa salientou a necessidade de eleger monumentos que pudessem refutar o esquecimento do passado. Nesse período, levando-se em conta a noções historiográficas da época, os monumentos deveriam expressar os fatos de natureza singular e grandiosa. Sendo assim, a preservação do passado colocava-se presa a uma noção de “melhoria”, “evolução” e “progresso”. (SOUSA, Rainer; s/d; revista eletrônica Brasil escola).

A mesma autora nos mostra que existem outras noções para a palavra patrimônio, como construção de esculturas e monumentos como:

Além dessas primeiras noções, o conceito de patrimônio também estava articulado a um leque de valores artísticos e estéticos. Preso ainda à construção de monumentos e esculturas, o patrimônio deveria carregar em seu bojo a tradicional obrigação que a arte tinha em despertar o senso de beleza e harmonia entre seus expectadores. Com isso, as produções artísticas e culturais que poderiam evocar a identidade e o passado das classes populares, ficavam plenamente excluídas em tal perspectiva. [...]. (SOUSA, Rainer; s/d; revista eletrônica Brasil escola).

Atualmente têm-se duas categorias distintas sobre patrimônio como salienta:

A conceituação atual do patrimônio acabou estabelecendo a existência de duas categorias distintas sobre o mesmo. Uma mais antiga e tradicional refere-se ao patrimônio material, que engloba construções, obeliscos, esculturas, acervos documentais e museológicos, e outros itens das belas-artes. Paralelamente, temos o chamado patrimônio imaterial, que abrange regiões, paisagens, comidas e



bebidas típicas, danças, manifestações religiosas e festividades tradicionais. (SOUSA, Rainer; s/d; revista eletrônica Brasil escola).

## **2 Preservação da memória**

A preservação da memória vem em conjunto com os termos culturais de cada povo, que são transmitidos e guardados para que outros possam compartilhar de forma que não seja perdida no tempo a história cultural de nosso início, a nossa identidade cultural, a história pode ser transmitida no diálogo do dia-a-dia:

O autor afirma que cultura é expressão da construção humana. A cultura é construída através do diálogo entre as pessoas no dia-a-dia. Nessa interação social é construído gradativamente símbolos e significados que tem sentido a essas pessoas, e são compartilhados entre elas. A construção de uma cultura está repleta de elementos e significados que vão identificar esse povo como pertencentes a uma determinada comunidade ou região, diferenciando-os de outras comunidades, surge assim, a identidade cultural. (SILVA, Susie Barreto da, s/d, revista eletrônica Brasil escola)

A compreensão de cultura e das raízes culturais será diferente conforme a região, a origem e as manifestações culturais dividem as várias formas que conhecemos:

O entendimento do significado de cultura subsidiará a compreensão das raízes culturais. Quando nos referimos às raízes culturais estamos nos referindo à sua origem, princípio, ou seja, a forma como foi construída a cultura de um povo, o que determina que alguns elementos ou algumas manifestações culturais sejam tipicamente desse povo. (SILVA, Susie Barreto da, s/d, revista eletrônica Brasil escola)

Para se compreende o presente e o futuro de um povo é necessário conhecer seu passado:

É possível dizer que não vive de passado, se vive do presente e do futuro. Porém, para se compreender as transformações pelas quais a cultura de um povo tem passado no decorrer dos tempos, se faz necessário conhecer com era antes no início de sua construção. Há de se estabelecer parâmetros para se poder definir em que aspectos a cultura foi transformada e em que grau. (SILVA, Susie Barreto da, s/d, revista eletrônica Brasil escola)



### **3 Guarujá**

O nome Guarujá tem alguns significados diferentes, de “viveiros de guarus” que é um peixe barrigudo, mas poderia ser também “viveiro de sapos” ou “canal estreito de lado a lado”, segundo os tupinólogos.

O nome Guarujá segundo os tupinólogos Theodoro Sampaio, Gonçalves Dias e Silveira Bueno, significa “viveiro de guarus” que é a designação de um peixe barrigudinho. E segundo o tupinólogo Antonio Geraldo da Cunha, seria um “viveiro de sapos”. Há ainda uma provável tradução, informando que Guarujá significaria “canal estreito de lado a lado” tradução reputada pelo autor Azevedo Marques, mas sem muito sentido. No entanto por ser a língua tupi e suas derivadas, o Guarani e o Nhengatu, línguas apenas faladas e não escritas, essas dificuldades ou diferenças de interpretações podem ser muito comuns, especialmente porque alguns jesuítas tentaram adequar a língua tupi à gramática latina, e em segundo lugar, que com o passar do tempo e a múltipla convivência com outros povos foi-se estabelecendo a língua brasílica, que era uma mistura de tupi, guarani, nhengatu, português e banto. (VIEIRA, Clívio Modesto de Moraes; Guarujá a Ilha do Sol; Santos, SP; Editora Espaço do Autor; p 16 e 17; 2004)

Por outro lado o santista historiador, escritor, poeta, jornalista, crítico de arte, conferencista, professor de História e Geografia e polígrafo, Francisco Martins dos Santos comenta sobre o Dr. João Mendes de Almeida, tem um significado diferente derivado do tupi:

Francisco Martins dos Santos[8], citando o dicionarista Dr. João Mendes de Almeida, explica que o nome Guarujá procede do tupi GU-AR-Y-YA, que significa passagem estreita de um lado a outro, relativa a ligação que havia entre a Praia do Centro (Pitangueiras) à de Astúrias, onde havia uma abertura natural estreita, não mais existente, que permitia a passagem, inclusive até recentemente, de pedestres e charretes. No local, hoje, está na parte mais alta o Edifício Sobre as Ondas. (VAZ, Angela Omati; Guarujá – três momentos de uma mesma história; Guarujá-SP; 2ª edição Modificada e Corrigida; editora AFAG, p 22, 2010)



### **3.1 História de Guarujá**

Em 1957, vieram para a ilha pesquisadores de uma expedição franco-brasileira que encontraram achados que eram de 1915 antes de Cristo:

Os sambaquis falam dos primeiros guarujaenses. E servem de leitura histórica para os guarujaenses atuais.

Em 1957, os moradores da ilha viram chegar homens e mulheres com roupas esquisitas e a parafernália de equipamentos. Fixaram-se no Sítio Maratuá, às margens do canal de Bertioga, e começaram um paciente trabalho de escavação. (DAMASCENO; Mônica de Barros; MOTA, Paulo, Pérola ao Sol: apontamento para uma história de Guarujá, SP; Edição PMG, s/d, p 20,21).

Mas essa relíquia que faz parte da história do Brasil, mas encontra-se no Museu do Homem em Paris, segundo conta Mônica de Barros Damasceno e Paulo Mota:

Eram membros de uma expedição franco-brasileira, chefiada pelo arqueólogo Paulo Duarte. Tornaram-se responsáveis pelos primeiros achados arqueológicos da região. Trouxeram para a luz um pouco da simples história dos Homsas e Neans de há 40 ou 50 séculos. Esqueletos, armas, utensílios domésticos, restos de caça e pesca foram recolhidos pela expedição. A maior parte do material encontra-se, hoje, no Museu do Homem, em Paris. A datação desses primeiros achados, pelo processo carbono 14, deu-lhes 3.906 anos de idade, ou seja, remontam ao ano de 1915 antes de Cristo. (DAMASCENO; Mônica de Barros; MOTA, Paulo, Pérola ao Sol: apontamento para uma história de Guarujá, SP; Edição PMG, s/d, p 20,21).

Em 1961 o Mar Casado mostrou seus habitantes, foram encontrados materiais por eles utilizados que datava do ano de 2450 antes de Cristo, infelizmente muitos desses achados foram utilizados em aterros como:

Em 1961, a foi a vez do Mar Casado, na Praia do Pernambuco, trazer à luz o resto de seus antigos habitantes. O material ali obtido por arqueólogos datava do ano de 2450 antes de Cristo. Os pesquisadores modernos, porém, não depararam com toda a produção da população pré-história da área. É que, no século XVI, o primeiro de nossa época colonial, foram retiradas cerca de 1.500 toneladas de material de sambaquis daquela região e que foram utilizadas para diversos fins, entre eles aterros de áreas a serem ocupadas por edificações.



Foram achados adornos de conchas que também foram encontrados no Estado de Santa Catarina, esses pertences eram dos Sambaquis, em 1961 foram encontrados na Ilha de Santo Amaro mais precisamente as margens do canal de Bertioiga:

Também em 1961, a pré-história de Guarujá veio a luz no sítio conhecido como Buracão, às margens do Canal de Bertioiga. E ali, a mensagem de Homsas e Neans falava de seu peculiar nomadismo. Encontra-se adornos de conchas que não tinham sido observados em nenhum outro ponto do Estado de São Paulo, mas já haviam sido vistos em sambaquis do Estado de Santa Catarina. (DAMASCENO; Mônica de Barros; MOTA, Paulo, Pérola ao Sol: apontamento para uma história de Guarujá, SP; Edição PMG, s/d, p 20,21).

#### O significado e a diferença entre Homsa e Nean:

Homsa, de Homo Sapiens, pode ser qualquer um dos habitantes primitivos das terras de Santo Amaro. Nean, de Neanderthal, qualquer uma de suas companheiras. Mais importante do que os nomes fictícios é a constatação de existências, nos prosaicos restos de seu dia-a-dia. (DAMASCENO; Mônica de Barros; MOTA, Paulo, Pérola ao Sol: apontamento para uma história de Guarujá, SP; Edição PMG, s/d, p 19, 20).

Há mais de três mil anos homens e mulheres viviam na ilha de Santo Amaro, mas um achado que hoje está no Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo – (USP), data de uma Neam de 5.000 anos que “irônica ou carinhosamente” colocaram o título de “ Miss Sambaqui”:

Desde 1957 os arqueólogos encontram, em Guarujá, os vestígios de homens primitivos, Homsas e Neans que viveram aqui há mais de três mil anos. Vestígios representados por toneladas de conchas, utensílios domésticos e até esqueletos desses ancestrais. Eram sambaquis, depósitos do cotidiano, que transformaram-se em fontes de pesquisas históricas para os homens do futuro. Aos utensílios do dia-a-dia somaram-se corpos dos que morreram. E foi uma Neam de 5.000 anos que o Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo-USP fez o seu maior símbolo. Então em seu museu os restos de uma mulher, a quem se deu – irônica ou carinhosamente – o título de “Miss Sambaquis”. ( DAMASCENO;



Mônica de Barros; MOTA, Paulo, Pérola ao Sol: apontamento para uma história de Guarujá, SP; Edição PMG, s/d, p 19, 20).

### **3.2 Pontos Históricos**

#### **Forte São Felipe**

No início da colonização do Brasil para proteger as vilas de Santos e São Vicente, foi o construído o primeiro monumento erguido em paliçada no País, em 1532 o Forte São João, localizado no canal de Bertioga situado na cidade de Bertioga, porém não existia até o momento nenhuma construção militar na ilha Guaibe, para fortalecer ainda mais a entrada do canal contra os índios e os corsários, foi construído no lado da ilha de Santo Amaro (antiga “Guaibe”, mudou de nome em 1544 com a chegada de José Adorno) o Forte São Felipe em 1552, que acabou sendo a mais antiga construção militar da Ilha de Santo Amaro, por ordem do fundador da cidade de Santos Brás Cubas, o historiador santista Francisco Martins relata que foi utilizado trabalho indígena escravo na construção do forte:

A mais antiga das fortalezas da ilha de Santo Amaro foi construída a partir de 1552, a mando do fundador da cidade de Santos, Brás Cubas. Foi feita sobre penhasco, no extremo leste da ilha, de frente para o mar aberto e às margens do canal de Bertioga. Protegia a entrada do canal contra qualquer intruso que, a partir dali, pensasse em atingir terras santistas. Segundo o historiador santista, Francisco Martins, Brás Cubas valeu-se do trabalho escravo de índios para construir o forte. (DAMASCENO; Mônica de Barros; MOTA, Paulo, Pérola ao Sol: apontamento para uma história de Guarujá, SP; Edição PMG, s/d, p 19, 20).

Em 1553 a fortaleza alojou seu futuro comandante o alemão Hans Staden, mas não durou muito:

Em 1553, São Felipe ganhou um hóspede ilustre: o navegador alemão Hans Staden, que havia naufragado nas costas paulistas. Durante alguns anos, foi comandante da fortaleza. Na realidade, chefe de si mesmo pois, durante longo período foi solitário morador do lugar. Ao sair da condição de comandante de São Felipe entrou em outra condição menos nobre: prisioneiro dos índios tamoios, com quem conviveu durante anos, até conseguir fugir retornar à Europa. Lá escreveu um livro sobre os costumes indígenas no Brasil, publicação que acabou tornando memorável a existência do forte São Felipe. (DAMASCENO; Mônica



de Barros; MOTA, Paulo, Pérola ao Sol: apontamento para uma história de Guarujá, SP; Edição PMG, s/d, p 40).

O forte São João, juntamente, com a fortaleza de São Felipe foram testemunhas de batalhas contra índios e piratas:

Fica na Ponta da Armação, na ilha de Santo Amaro, defronte a Bertioga, e ali se desenrolaram os combates com os tamoios. Sua muralhas foram testemunhas de toda uma época de luta a natureza e o selvagem, e ainda da cobiça dos piratas. Este forte, cruzava seus fogos com o Forte de São João em Bertioga. Foi um dos mais belos marcos da arquitetura militar portuguesa do século XVI. Suas muralhas se levantaram sobre o mar, e no baluarte existe ainda uma cisterna empedrada e peças de cantaria lavrada ( rocha escarpada, talhada a pique). (VIEIRA, Clívio Modesto de Moraes; Guarujá a Ilha do Sol; Santos, SP; Editora Espaço do Autor; p 18; 2004)

### **Capela Ermida de Santo Antônio de Guaibê**

Outra construção importante para a época foi a construção da Capela Ermida de Santo Antônio de Guaibê fundado por José Adorno, por volta de 1560, local que provavelmente acontecerá “o milagre dos anjos”:

A capela que encontramos na região é conhecida como Ermida de Santo Antônio de Guaibê. De pedra e cal, atualmente em ruínas, é tida como sendo a capela quinhentista de Santo Antônio, construída por Adorno, freqüentada pelo padre Anchieta que haveria nela rezado missa.

Teria sido nessa capela que por volta de 1563 a1565, teria acontecido o milagre dos anjos, quando Anchieta, mesmo tendo ficado no escuro, a Capela teria tornado-se toda iluminada com as orações do jesuíta, segundo relatos de moradores da região. (VAZ, Angela Omati; Guarujá – três momentos de uma mesma história; Guarujá-SP; 2ª edição Modificada e Corrigida; editora AFAG , p 25, 2010)

### **A Capela dos Escravos**

O descaso das autoridades com nossos pontos turísticos e históricos como Angela Omati Vaz conta sobre a Capela dos Escravos.



Infelizmente muitas obras que poderiam transforma-se em pontos turísticos importantes se perderam como, por exemplo, a Capela dos Escravos, no Perequê que foi demolida em 21 de fevereiro de 1.999, a marretadas. Sem data determinada de sua construção, sabe-se que certamente já existia em 1876. (VAZ, Angela Omati; Guarujá – três momentos de uma mesma história; Guarujá-SP; 2ª edição Modificada e Corrigida; editora AFAG , p 26, 2010)

Esses fatos não são recentes que vem desde o começo do século passado, que foram descritos por pessoas importantes para nossa cultura:

O escrito Euclides da Cunha, quando de sua estadia no Guarujá em 1904, já reclamava providências para a conservação do Forte de São Felipe e da Armação. Em 1937, o escritor Mário de Andrade em missão pelo Patrimônio Histórico Nacional, já se surpreendera com o estado de abandono em que se encontravam. (VAZ, Angela Omati; Guarujá – três momentos de uma mesma história; Guarujá-SP; 2ª edição Modificada e Corrigida; editora AFAG , p 23, 2010)

### **A Fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande**

Do lado oposto da ilha na entrada do canal de Santos, inicia-se em 1583 as obras de construção pelo governo espanhol, depois da assinatura do tratado de Tordesilhas, a estrutura começou a tomar forma pelo almirante espanhol Diogo Flores Valdez, após o corsário inglês Edward Fenton saqueou o porto de Santos e símbolo da Espanha para os rebelados de Portugal:

Seu nome original era Fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande, e o início de sua construção foi em 1583. Foi construída com duas finalidades: uma delas é servir de baluarte contra invasões piratas. A segunda um símbolo de advertência do rei Felipe II de Espanha contra os rebeldes portugueses habitantes de São Vicente, partidários da restauração do trono português. ( VIEIRA, Clívio Modesto de Moraes; Guarujá a Ilha do Sol; Santos, SP; Editora Espaço do Autor; p 19; 2004)

Em 1584 com o nome de Fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande, surge a fortaleza que tem o mesmo carpinteiro que fez a matriz de São Paulo “o sevilhano Bartolomeu Bueno” e foi projetada pelo mesmo arquiteto que fez as muralhas de Cartagena, o sistema defensivo de



Havana e os fortes de San Felipe em Porto Rico e de Alicante na Espanha o Sr. Juan Bautista Antonelli:

A escolha deste local deveu-se a sua localização privilegiada para bloqueio naval como ficou provado quando o local foi utilizado com sucesso para derrotar o corsário inglês Edward Fenton em 1953. Curiosamente parte dessa guarnição militar iria se integrar à sociedade local, vindo a fazer parte da história. Como exemplo, o carpinteiro sevilhano Bartolomeu Bueno que também construiu a matriz de São Paulo, [...]. Outro aspecto curioso dessa fortaleza, é possui laços históricos com as mais importantes fortificações do mundo na época, como o sistema defensivo de Havana, as muralhas de Cartagena e os fortes San Felipe em Porto Rico e de Alicante na Espanha. Isto porque foram projetados pelo mesmo arquiteto, Juan Bautista Antonelli. (VIEIRA, Clívio Modesto de Moraes; Guarujá a Ilha do Sol; Santos, SP; Editora Espaço do Autor; p 19 e 20; 2004)

Ao lado da fortaleza foi construído uma trincheira para proteger a retaguarda do forte assim:

Construído nos idos de 1760 e 1767, ao lado da fortaleza da Barra Grande, o forte da praia do Góes, não passava de uma simples trincheira ou fortim. Era dotado de uma bateria para proteger a retaguarda da aludida fortaleza. É sabido que a construção do Fortim do Góes ocorreu durante o governo do Capitão – General D. Luiz Antônio de Souza Botelho Mourão, governador da Capitania que em carta endereçada ao Vice – Rei do Brasil em janeiro de 1767 relatava a necessidade do forte naquela praia. ( VIEIRA, Clívio Modesto de Moraes; Guarujá a Ilha do Sol; Santos, SP; Editora Espaço do Autor; p 21; 2004)

Desde sua construção a fortaleza teve vários papeis em nossa história, em 1583 derrotou o corsário inglês Edward Fenton, em 1591 contra outro corsário também inglês Thomas Cavendish, em 1615 o corsário holandês Joris Van Spilgergen, em 1710 defendeu Santos do capitão Frances Francois Duclerc, em 1714 por ordem da Coroa Portuguesa o engenheiro militar João Massé reformou o forte dando-lhe as características atuais, em 1770 tinha 28 canhões, foi



presídio político durante o século XVII para opositores da Coroa Portuguesa, e foi restaurada pela primeira vez em 1885, em 1905 foi sede do Circulo Militar de Santos, em 1911 foi desativada e seus canhões foram mudados para o atual Forte Itaipu (Praia Grande), em 1932 com a Revolução Constitucionalista foi quartel da Terceira Companhia do Batalhão de Engenharia de Santos (um fato interessante, que em Vicente de Carvalho uma das ruas principais foi homenagem a um soldado que se alistou no exército rebelde durante a Revolução Constitucionalista de 1932 e veio a falecer, Avenida Thiago Ferreira), no final de 1940 foi sede da extinta Polícia Marítima e Aérea, em 1956 foi usada como sede náutica do Círculo Militar de Santos, em 1969 foi tombado pela Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 1981 pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT) e finalmente em 1990 a agremiação estudantil de Guarujá protestou em defesa da arquitetura que começa a demonstra o abandono pelas autoridades o que levou em dois de setembro de 1993 a assinatura de um Protocolo de Intenções entre a Universidade Católica de Santos (UNISANTOS), a Prefeitura de Guarujá e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) do governo nacional que é vinculado ao Ministério da Cultura, esse órgão é responsável pela preservação da acervo patrimonial, tangível e intangível do país.

O Forte foi homenageado pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT) com a emissão de uma peça filatélica e carimbo comemorativo em vinte e um de abril de 1.999.

### **O Forte Itapema**

O Fortim do Pinhão de Vera Cruz, assim era conhecido o forte de Itapema, construído em cima de uma única rocha na ilha de Santo Amaro e foi utilizado óleo de baleia em sua construção em uma data não muito especifica segundo Clivio Modesto de Moraes Vieira,

1670 – esta data é bastante controversa pois não sabe ao certo qual a data da construção deste forte. Pesquisadores afirmam que ele já existia na metade do século XVI. Alguns historiadores dizem que o mesmo foi construído em 1557. Era a terceira muralha fortificada construída na região. O historiador Costa Silva Sobrinho acrescenta que o nome original era Fortim do Pinhão de Vera Cruz. O forte foi edificado sobre a única rocha do lado esquerdo do estuário, dentro de extensas áreas de várzeas, onde hoje é o Distrito de Vicente de Carvalho. Diz ainda Costa Silva Sobrinho que o primeiro capitão, designado por D. João V,



teria sido Francisco Nunes Cubas, sobrinho de Brás Cubas. O forte foi levantado em cima das rochas, com blocos grandes de pedras unidas por óleo de baleia. De sua muralha, avistava-se toda a Vila de Santos, protegendo-a dos invasores. (VIEIRA, Clívio Modesto de Moraes; Guarujá a Ilha do Sol; Santos, SP; Editora Espaço do Autor; p 22; 2004)

O forte tinha uma segunda defesa estratégica caso as defesas dele falhassem:

A fortificação foi levantada sobre as rochas com o objetivo de defender a vila de Santos, pela margem oriental do estuário. Formaria a primeira barreira, e caso fracassasse na defesa, restariam os canhões do antigo Forte da Praça ou Nossa Senhora do Monte Serrat, na margem contrária. (VAZ, Angela Omati; Guarujá – três momentos de uma mesma história; Guarujá-SP; 2ª edição Modificada e Corrigida; editora AFAG, p 31, 2010)

O forte como os demais monumentos arquitetônicos e Históricos também sofreu com o descaso, incêndios e reformas:

Como todos os fortins e fortalezas do Brasil, o Forte do Itapema também passou por sucessivas épocas de abandono, reconstruções e reformas. Em 1670, era seu Capitão o paulista ilustre Pedro Taques de Almeida, que executou sua primeira ampliação (daí alguns historiadores colocarem o ano dessa reforma e ampliação como sendo o de sua construção). Entre 1735 e 1738 o forte foi novamente construído e aparelhado com artilharia de grosso calibre. Em 1836, o marechal Daniel Pedro Muller, relata que o forte tinha uma guarnição e um oficial. Os últimos canhões que se viram sobre a muralha, datavam de 1850. Em 1883, o forte sofreu violento incêndio, que o destruiu quase que completamente. Em 1905, foi transferido para a Receita Federal que ali montou um posto de fiscalização, com uma torre dotada de holofotes para iluminação do estuário e combate ao contrabando. Em 1976 essas instalações foram destruídas por um incêndio. (VIEIRA, Clívio Modesto de Moraes; Guarujá a Ilha do Sol; Santos, SP; Editora Espaço do Autor; p 23; 2004).

Um fato curioso é que o forte serviu de cadeia como:



Foi importante instrumento de defesa da capitania de São Vicente, tendo também uma cadeia subterrânea que servia para prender soldados rebeldes e invasores. (VAZ, Angela Omati; Guarujá – três momentos de uma mesma história; Guarujá-SP; 2ª edição Modificada e Corrigida; editora AFAG , p 31, 2010)

Um fato ocorrido demonstra como as autoridades tratam os nossos bens históricos:

A condição de “patinho feio” entre as fortalezas de Guarujá continuou perseguindo o velho Forte do Itapema até os dias atuais. Em 1985, o Governo do Estado publicou um livro com a relação dos monumentos tombados pelo CONDEPHAAT. Nele não constava o monumento de Vicente de Carvalho. Com base nisso, vereador chegou até a pedir o tombamento, em emocionado discurso na Câmara Municipal. O velho forte, entretanto, havia tombado em 1981 após determinação da própria secretaria da Cultura, que o esqueceu de relacionar em seu álbum d monumentos históricos. ( DAMASCENO; Mônica de Barros; MOTA, Paulo, Pérola ao Sol: apontamento para uma história de Guarujá, SP; Edição PMG, s/d, p 42).

As construções históricas estão totalmente esquecidas pelas autoridades e pelos órgãos que “teriam” o dever de protegê-lo:

A última providência importante tomada em relação à antiga fortaleza (forte São Felipe) foi em 1798: a concessão do governador Antônio Manoel de Castro e Mendonça a Antônio Francisco da Costa, do posto de tenente coronel de milícias, agregado ao regimento de Santos.

Atualmente o forte encontra-se em estado de ruínas, invadido pelo mato, mal percebido, restando pouco em pé, apenas a muralha de granito, uma guarita, um poço interno e algumas paredes. (VAZ, Angela Omati; Guarujá – três momentos de uma mesma história; Guarujá-SP; 2ª edição Modificada e Corrigida; editora AFAG , p 30, 2010).

O local ainda pode ter uma última esperança de preservação:

A região onde se encontram as ruínas destes monumentos é denominada Serra do Guararu e poderá em breve tornar-se um Parque Arqueológico, o primeiro do Estado de São Paulo, com os trabalhos supervisionados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). (VAZ, Angela Omati; Guarujá



– três momentos de uma mesma história; Guarujá-SP; 2ª edição Modificada e Corrigida; editora AFAG , p 31, 2010).

A perspectiva de Mônica de Barros Damasceno e Paulo Mota não são tal otimista como Angela Vaz Omati, relatando o fato de monumentos estarem em total desprezo pelo poder público como relatam a seguir;

Essas edificações, responsáveis, no passado pela proteção das áreas colonizadas do litoral Centro-Sul Paulista, não conseguem, no presente, proteger-se da ação do tempo ou de atos de vandalismo. Tais monumentos estão sob proteção oficial da União (já que foram tombados pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Arquitetônico – Condephaat ou pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN. Porém, além da mera medida burocrática visando à sua preservação, os fortes não contam, sequer, com vigilantes.

[...] a fortaleza da Barra Grande, que ainda está com 80% de sua estrutura intacta, mas que continua sendo vítima de um processo contínuo de destruição, por mãos humanas e pela ação do tempo. (DAMASCENO; Mônica de Barros; MOTA, Paulo, Pérola ao Sol: apontamento para uma história de Guarujá, SP; Edição PMG, s/d, p 41).

### **O Forte dos Andradas**

O Forte do Munduba hoje Forte dos Andradas, está localizada na ponta de “Munduba”, nome este que vêm de Carlos de Munduba, bandeirante português que em 1578 fez a descoberta ao desviar sua rota, encontrou um ponto litorâneo não descoberto ainda e batizou de Ponta de Munduba, procurava basicamente por objetos indígenas de valor.

Mesmo com o projeto pronto em 1934 sua construção começou em 1938, sob supervisão de seu projetista o Tenente-Coronel de Engenharia João Luiz Monteiro de Barros, foi inaugurado em dez de novembro de 1942, em plena Segunda Guerra Mundial, formando assim um ótimo sistema de defesa juntamente com o Forte Itaipu na Praia Grande para proteção do porto de Santos, que seria um dos prováveis pontos de ataque por nossos inimigos.

Hoje é dos pontos turísticos de Guarujá, abriga atualmente a Primeira Brigada de Artilharia Antiaérea, desde janeiro de 1994 foi aberta ao público.



## **A Maria Fumaça**

Nos cruzamentos das avenidas Puglisi e Leomil, no centro do Guarujá encontra-se o pavilhão da Maria Fumaça depois de 63 anos fazendo a ligação entre o antigo Itapema à nova Vila Balneária era utilizada por visitantes que viam de São Paulo e atravessavam o canal de Santos vindo para a Ilha de Santo Amaro, essa locomotiva é uma raridade dos tempos de glória, ela foi construída pela empresa “Baldwin Locomotive Works em 1891” foi desativada em 1959 segundo Angela Vaz Omati mostra em seu livro “Três Momentos de uma mesma História na página 40”, porém, essa data poderia ser 1956 como comenta Clívio Modesto de Moraes Vieira em seu livro “Guarujá a Ilha do Sol página 77” essa data é reforçada por sites e livretos da Prefeitura Municipal de Guarujá, não podendo esquecer o relato sobre Elias Fausto Pacheco Jordão:

Elias Fausto Pacheco Jordão começou a implantar a via férrea que uniria Pitangueiras ao antigo Itapema (povoado que deu origem ao Distrito de Vicente de Carvalho) já se sentia, de maneira mais concreta, a incorporação dos ilhéus aos planos da nova Guarujá. A mão de obra local foi amplamente empregada na instalação de dormentes, trilhos e construções das estações, uma nas mediações da atual Praça das Bandeiras; outra no Itapema, perto do local dos ancoradouros de barcos, que traziam as pessoas de Santos. ( DAMASCENO; Mônica de Barros; MOTA, Paulo, Pérola ao Sol: apontamento para uma história de Guarujá, SP; Edição PMG, s/d, p 69).

O nome da avenida onde se localiza a locomotiva não é por acaso, foi um dos ilustres que teve um importante papel no desenvolver da época o escravista Valencio Augusto Teixeira Leomil, segundo a autora comenta sobre ele em seu livro:

Valencio Augusto Teixeira Leomil, negociante e proprietário da fazenda Perequê, a mais famosa propriedade de toda a ilha no período, dedicava-se entre outros negócios ao tráfico de escravos, sendo que na praia da Enseada muitos navios continuaram a desembarcar escravos no local, mesmo após a proibição do tráfico, em 1850.



Em 1890, Leomil pediu a Câmara santista, porque Guarujá pertencia a Santos, uma concessão por setenta anos para instalar uma linha de trens de ferro. Após sua obtenção, a concessão foi então vendida à Companhia Balneária da Ilha de Santo Amaro, da qual Leomil tornou-se diretor fiscal. Essa companhia havia sido fundada pelo Dr. Elias Fausto Pacheco Jordão, sócio gerente da Companhia Prado Chaves, como costumeiramente era chamada, uma das maiores firmas exportadoras de café da cidade de Santos. (VAZ, Angela Omati; Guarujá – três momentos de uma mesma história; Guarujá-SP; 2ª edição Modificada e Corrigida; editora AFAG , p 38, 2010).

### **O Carro Fúnebre de Santos Dumont**

Em frente ao pavilhão da Maria Fumaça encontra-se o Carro fúnebre de Santos Dumont, Ford 1924 uma verdadeira relíquia para os amantes de automóveis, ele fez o traslado de Santos Dumont de Guarujá para São Paulo, após cometer suicídio no Grande Hotel em vinte e três de julho de 1.932, hoje o corpo está enterrado no Cemitério São João Batista no Rio de Janeiro, esse fato que ocorre com o nobre brasileiro é mais bem descrito:

Após ter redigido um manifesto a Vargas em 9 de julho de 1932, que reprimia brutalmente movimento constitucionalista, vem ao Guarujá para convalescer. Na manhã de 23 de julho desse ano, Dumont vai à praia e ajuda um menino a elevar seu colorido papagaio de papel. Nessa altura ouve-se um ruído crescente de uma esquadilha que se aproxima. São aviões federais que bombardeiam um navio cruzador paulista, próximo a Ilha da Moela. É a gota d'água para aquele cérebro fatigado de tanto ruído que não conseguia abafar. Recolheu-se a seu quarto no Grande Hotel do Guarujá, e tendo perdido totalmente a razão, escolheu uma gravata daquelas que costumava lançar às multidões, e utilizou-a para enforcar-se. ( VIEIRA, Clívio Modesto de Moraes; Guarujá a Ilha do Sol; Santos, SP; Editora Espaço do Autor; p 156 e 157; 2004).

### **Considerações Finais:**

Hoje, a história de Guarujá, já está quase totalmente esquecida por seus moradores.

Há restos mortais de antigos moradores da ilha no Museu do Homem em Paris, sua cultura deixada há anos, foi enterrada sobre nossos pés, e serviram de “entulhos” para



construção de nossos prédios, tal o desprezo pela história ou simples ignorância da importância de preservação.

Pessoas importantes com o alemão “Hans Staden” que devido ao contato com os índios de nossa região, raptaram-no, despiram-no e raspam suas sobrancelhas levando-o por mar a Ubatuba, veio a escrever o seu livro narrando sua convivência não tão pacífica com os Tupinambás. Sua estadia em Guarujá pode ser encontrada em filmes.

Santos Dumont que teve os últimos momentos de vida no Grande Hotel, em Guarujá, após ver sua criação ser utilizada como arma de guerra, são alguns dos nomes de renome internacional que por aqui passaram.

Os monumentos, que mesmo sendo patrimônio público, estão se perdendo na memória sendo castigados pelo tempo e depredados por vândalos, o único patrimônio mais preservado é o Forte dos Andradas, que por ser uma área militar, tem sua conservação na história e memória dos habitantes,.

A história de um município deve ser preservada para as gerações posteriores; a história de Guarujá está sendo e foi desrespeitada, ora por desconhecimento, ora por desinteresse. Os graduandos em Turismo, como agentes de informações e atuações no campo da história, geografia e lazer têm a obrigação de estudar formas de combater esse desrespeito com a história do município.

## **BIBLIOGRAFIA**

DAMASCENO; Mônica de Barros; MOTA, Paulo. **Pérola ao Sol: apontamento para uma história de Guarujá, SP.** Edição PMG, s/d.

SILVA, Susie Barreto da, s/d, **Revista eletrônica Brasil escola**, disponível em <brasilecola.com> acesso em 05/10/2010.

SOUSA, Rainer; s/d; **Revista eletrônica Brasil escola**, disponível em <brasilecola.com> acesso em 04/10/2010.

VAZ, Angela Omati. **Guarujá – três momentos de uma mesma história.** Guarujá-SP; 2ª edição Modificada e Corrigida; editora AFAG, 2010.



VIEIRA, Clívio Modesto de Moraes. **Guarujá a Ilha do Sol. Santos, SP**; Editora Espaço do Autor; 2004.